



Outros saberes da coluna esportiva: a construção enunciativa analítica de Juca Kfourri e Tostão na Folha de São Paulo

Gilson Luiz Piber da Silva¹

Resumo

O jornalismo brasileiro, de um modo geral, trabalha como um radar que vigia a sociedade. As colunas denunciam, vaticinam e são lugares de vaidade, vigilância, autoafirmação, fofoca e autorreferência. Nas colunas esportivas escritas por Juca Kfourri e Tostão, e publicadas no jornal Folha de São Paulo, consideramos que ocorre uma construção enunciativa analítica diferenciada. Desta forma, nossa problemática busca identificar que outros saberes uma coluna esportiva pode recorrer para falar sobre futebol, indo na contramão da vigilância. Examinamos fragmentos de dois textos redigidos pelos dois jornalistas ao longo de 2015 para abordar a questão. O referencial teórico tem como base, entre outros autores, Bentham, Foucault, Verón, Fausto Neto e Mouillaud.

Palavras-chave

Colunas esportivas; Analítica; Vigilância; Juca Kfourri; Tostão.

Abstract

The Brazilian journalism, in general, works like a radar guarding the society. Columns denounce, herald and are vanity places, vigilance, self-assertion, gossip and self-reference. In the sports columns written by Juca Kfourri and Tostão, and published in the newspaper Folha de São Paulo, we consider that there is a differentiated analytical enunciation construction. Thus, our problem seeks to identify other knowledge a sports column may resort to talk about football, going in the opposite surveillance. We examine fragments of two texts written by the two journalists throughout 2015 to address the issue. The theoretical framework is based, among others, Bentham, Foucault, Verón, Fausto Neto and Mouillaud.

Keywords

Sports columns; Analytical; Surveillance; Juca Kfourri; Tostão



1 Introdução

O jornalismo brasileiro, de um modo geral, trabalha como um radar que vigia a sociedade. Mais do que nunca, vivemos um tempo de denúncias e escândalos sobre políticos e técnicos que atuam nas esferas governamentais e da iniciativa privada. Neste artigo, nossa problemática gira em torno das colunas esportivas. As colunas denunciam, vaticinam e são lugares de vaidade, vigilância, autoafirmação, fofoca e autorreferência. Porém, nas colunas esportivas escritas por Juca Kfoury e Tostão, e publicadas no jornal Folha de São Paulo, consideramos que ocorre uma construção enunciativa analítica diferenciada. Desta forma, nossa problemática busca identificar que outros saberes uma coluna esportiva pode recorrer para falar sobre futebol, indo na contramão da vigilância. Examinamos fragmentos de dois textos redigidos pelos dois colunistas ao longo de 2015 – um de Juca e outro de Tostão - para abordar a questão.

A coluna integra a topografia do jornal, ocupando um lugar de opinião especializada no espaço e no tempo da publicação, e agindo como um operador de articulação e interação com o leitor. A coluna é, também, um dispositivo de enunciação, pois, ao emitir sua opinião, o colunista materializa seu modo de dizer sobre determinado assunto. A produção do acontecimento é contada, relatada e repercute na esfera social, numa relação onde o colunista oferece ao leitor o olhar crítico sobre determinadas situações, busca a adesão e, sobretudo, o vínculo com o leitorado neste processo jornalístico.

2 A coluna na ambiência e na topografia do jornal

Inicialmente, buscamos fazer uma caracterização da coluna e sua relação com a totalidade do jornal. Para Rabaça e Barbosa (2001), a coluna é tida como uma “seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade e geralmente assinada, redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum”. Os autores acrescentam que a coluna “compõe-se de notas, sueltos, crônicas, artigos ou textos-legendas, podendo adotar, lado a lado, várias dessas formas”. Ainda ressaltam que “as



colunas mantêm um título ou cabeçalho constante e são diagramadas costumeiramente em posição fixa e sempre na mesma página, o que facilita sua localização imediata pelos leitores habituais”. Elas integram a topografia do jornal, têm nome, geralmente o do próprio colunista, e fazem parte do gênero opinativo do jornalismo.

Mouillaud (2012) comenta que a produção do sentido começa com a diagramação do jornal e, no caso em questão, da coluna. Se o jornal diário tornou-se, como ele acrescenta, “um substituto do espaço público, um fórum”, a coluna pode ser vista também como um eco das vozes públicas, através do discurso do colunista por meio de duas estratégias: a de fazer-saber e a serviço da verdade, e não da realidade. O objetivo é o “fazer crer”, fundamentado na credibilidade do enunciador (colunista) e na credulidade do leitor. Evidente que a distribuição espacial da coluna no jornal necessita de uma posição nobre na página, invariavelmente na parte superior, em dois blocos (colunas) verticais, três ou até cinco horizontais. Isso para chamar a atenção do leitor e já marcar posição na página. É quase inadmissível encontramos colunas postadas na parte inferior da página de qualquer impresso.

Reiteramos que a coluna ocupa um lugar analítico no espaço-temporalidade do jornal. Trata-se do chamado espaço nobre, concedido ao jornal enquanto um sujeito institucional ou a alguém por ele delegado, que exhibe experiência e confiabilidade nos assuntos a serem tratados, bem como usufrui de credibilidade do leitorado. Trata-se de uma ambiência de opinião e que integra a topografia do jornal, com autoria própria e relevância ao seu ocupante. Cada colunista, porém, tem o seu modo de dizer e adota estratégias enunciativas para captar o leitor, razão maior do trabalho realizado. Porém, existem colunas não assinadas e representam o ponto de vista institucional do jornal, que torna-se o próprio enunciador do impresso, com suas marcas editoriais e identitárias.

O Novo Manual de Redação da Folha de São Paulo (1996) já trazia a seguinte definição para os tópicos coluna e coluna lateral, como possibilidade de definir a sua especificidade como território, unidade da ambiência e parte da topografia:



Coluna - Cada uma das faixas verticais em que a página do jornal é dividida. As páginas da Folha atualmente são divididas em seis colunas verticais. Por extensão, coluna também significa o espaço no jornal em que uma pessoa escreve regularmente.

Coluna lateral - Na Folha, módulo editorial criado nas capas dos cadernos para dar maior visibilidade a notas de grande leitura. Pode conter seções internas como Personagem, A frase, O número. Ocupa toda a extensão da coluna da esquerda abaixo do logotipo do caderno. Quando o caderno tem cores, a coluna lateral ganha fundo colorido em tons claros (NOVO MANUAL DE REDAÇÃO, 1996, online).

Fica estabelecido, de forma institucional, portanto, que a coluna na Folha de S. Paulo tem “uma pessoa que escreve regularmente” e a coluna lateral abrange o “módulo editorial”, com a opinião da empresa. O jornal também possui a coluna do “ombudsman”, uma palavra sueca que significa representante do cidadão. Na imprensa, o termo é utilizado para designar o representante dos leitores dentro de um jornal. A Folha de S. Paulo tem, atualmente, a jornalista Vera Guimarães Martins como “ombudsman”. Ela é a 11ª profissional a ocupar o cargo no jornal paulista, que foi o primeiro a adotar tal função no Brasil, em 1989.

No jornalismo, opinar não é uma tarefa fácil. Pelo contrário, exige conhecimento profissional na abordagem feita. De acordo com Campos (2002), imaginar que emitir opiniões assinadas num jornal é menos perigoso do que pilotar um avião como aprendiz, sozinho, é ledão engano. Ele destaca:

A palavra publicada é uma arma poderosa e fatal. Engrandece ou aniquila, eleva ou derruba, estimula ou desanima. Uma vez publicada, a palavra não volta mais, por mais que se retifique. Sem contar que opiniões desastradas podem bater de frente com a opinião geral da empresa. Seria acreditar no Coelho da Páscoa ignorar que o jornal é um negócio destinado a dar lucro e que a notícia é, realmente, um produto à venda (CAMPOS, 2002, online).

Não é à toa que os jornais buscam profissionais experientes e com bagagem profissional para serem colunistas em seus veículos de comunicação. A credibilidade na opinião também virou um produto mercadológico no jornalismo contemporâneo, conforme comenta Amaral apud Campos (2002).



O motivo desse prestígio é que a coluna não é o resumo dos principais acontecimentos do dia, mas a explicação íntima desses fatos, o dado que faltou ao grande noticiário e que não chegou ao conhecimento do público, o lado pitoresco do acontecimento, o detalhe curioso, a história particular de cada decisão. O colunista concorre com o repórter, o comentarista e o redator. Do primeiro, há que ter o gosto pelo furo, da notícia em primeira mão; do segundo, a sagacidade, a agudeza de espírito, a perspicácia de dizer o máximo com o mínimo de palavras. E a tudo isto somar o bom-humor constante e a originalidade, a fim de tornar sua coluna um lugar sempre atraente (AMARAL apud CAMPOS, 2002, online).

O colunista precisa trazer algo novo ao já informado nas seções de notícias do jornal, com explicação objetiva, discernimento, análise apurada e projeção do que pode ocorrer após o fato informado. Tudo isso deve ser realizado em um curto espaço topográfico do impresso. Desta forma, a opinião ganha relevo e atrai a atenção do leitor.

Modos de complexificação do funcionamento da coluna, por exemplo, surgem dos debates e discussões daquilo que foi escrito pelo colunista, com concordâncias e discordâncias por parte do leitorado. Com o advento da internet, porém, o leitor passa a participar do “eco de vozes públicas” destacado por Mouillaud, postando comentários, nem sempre respondidos pelos colunistas.

O jornal é uma moldura, tendo o seu nome como um operador simbólico para o mundo (leitores). A coluna está inserida no quadro interior, mas com vazão voltada ao exterior, ávida pelo leitorado que busca respaldo na opinião de “alguma autoridade”. Portanto, o quadro (coluna) é peça integrante da moldura (jornal) e opera um modo de dizer (colunista) ao leitorado. Esse processo comunicativo, como o próprio Mouillaud (2012, p. 47) enfatiza, estabelece que “...o discurso do jornal não está solto no espaço; está envolvido no que chamaria de ‘dispositivo’ que, por sua vez, não é uma simples entidade técnica, estranha ao sentido. Tudo é feito com planejamento, seguindo determinada racionalidade para atingir os leitores, assim como o editorial, as reportagens, os comentários, os artigos, as fotos, as notas, etc.

A própria coluna é um dispositivo, um lugar de produção de sentido, segundo operações que são feitas por ela, suas relações com outras operações jornalísticas, e de modo específico, nos modos com os quais vai se vinculando ao ambiente que lhe é externo, seja aquele mais imediato, como outros espaços do próprio jornal. Destaca-se



como lugar analítico, conforme o trabalho que lhe é próprio e que se constitui no modo de dizer a realidade por ele observada.

3 A analítica e a vigilância

Passamos a explicitar questões relativas à analítica e a vigilância. Com a perspectiva de estudar os fenômenos da midiática, nos valem do conceito de analítica adotado por Fausto Neto (2008). Ele propõe que trata-se de um:

trabalho de leitura realizado por uma modalidade de comunicação, segundo práticas que envolvem dispositivos tecno-discursivos que tomam como referência o modo de existência das lógicas e dos pressupostos da cultura midiática, se estruturam em suas próprias formas de linguagens e por meio de operações de sentido para construir realidades, na forma de textos nos quais se figuram representações sobre a realidade construída (FAUSTO NETO, 2008, p. 94).

Compreendemos a analítica da midiática como um conjunto de operações realizadas por um determinado dispositivo, no caso o colunista, visando instituir relação com o outro, no sentido de escutá-lo, mas também de interpretá-lo, elegendo, portanto, como objeto tentativo, a realidade do acontecimento esportivo. Ainda nesta direção, entende-se a analítica como enquadres de argumentos, de figuras de linguagem, de relação de tensão e de enunciações (marcas).

Assim, consideramos a analítica como o modo de dizer e de escutar o leitor, bem como de observar o outro. Ela pressupõe um modo de dizer, um ritual, um lugar de fala, estratégias enquanto fins, táticas enquanto operações intermediárias, regras, retórica, relações com outro, dialogias. É um aparelho de apreensão, classificação, qualificação e interpretação do mundo.

Verón (1980) considera o texto como lugar de manifestação de uma multiplicidade de traços decorrentes de diferentes ordens de determinação. Segundo ele, a leitura, que ele trata como “reconhecimento”, deve considerar essa multiplicidade de



fatores que instauram o texto como instância da “produção”. Esses fatores são da ordem do social – máquina que funciona pelo sentido -, do metatextual e, principalmente, do ideológico. Porém, os discursos não são percebidos nas suas muitas dimensões, a não ser por um olhar atento, analítico. O texto é o lugar da manifestação de uma multiplicidade de traços que denotam as diferentes formações discursivas, ou seja, para esse autor, as forças ideológico-sociais inscrevem-se nos discursos, sem a consciência total do seu produtor.

Portanto, a analítica depende da incidência de outras discursividades sobre as práticas discursivas. Ela evoca um “processo de terapêutica”, de exercício de palavras e escutas, e interpretações. O acontecimento esportivo, assim como outros, é um processo complexo, atravessado por problemáticas e manifestações externas, como a midiática, a política, a econômica e a social.

Já a vigilância é tida como uma atividade que monitora e acompanha o comportamento de pessoas, bem como de instituições – hospitais, escolas e outros estabelecimentos. A finalidade está na busca ou manutenção da segurança e proteção dos indivíduos e do patrimônio público e privado. Atualmente, por exemplo, câmeras de vigilância estão instaladas nas ruas de milhares de cidades brasileiras, observando, controlando, inspecionando e vigiando a ação das pessoas.

Em *O Panóptico*, na tradução para o português feita por Tomaz Tadeu (organizador), Guacira Lopes Louro e M. D. Magno, em 2008, Jeremy Bentham [et. al.] já dizia que:

[...] quanto maior for a probabilidade de que uma determinada pessoa, em um determinado momento, esteja realmente sob inspeção, mais forte será a persuasão – mais intenso, se assim posso dizer, o sentimento que ela tem de estar sendo inspecionada. A atividade de vigilância [...] tomará, em seu caso, o lugar daquela grande e constante ocasião de distração do sedentário e do desocupado em pequenas cidades – o ficar olhando pela janela. A cena, mesmo que em situação confinada, será bastante variada e, por isso, talvez, não totalmente sem atrativos. (BENTHAM, 2008 p. 29-30).

Na realidade, a vigilância também tomou o lugar “do sedentário e do desocupado” nos municípios de menor porte, graças ao aparelhamento técnico adotado pelas administrações e pelas próprias pessoas na área de suas residências. Para algumas



peçoas, a vigilância é bem-vinda, ao contrário de outras, que acreditam que o dispositivo atinge a sua intimidade.

Já Michel Foucault (1997), em *Microfísica do Poder*, destaca que a disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Essa disciplina, para Foucault, tem quatro fases: a) Organização do espaço: é uma técnica de distribuição dos indivíduos através da inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório. Isola em um espaço fechado, esquadrihado, hierarquizado, capaz de desempenhar funções diferentes segundo o objetivo específico que dele se exige; b) Controle do tempo: estabelece uma sujeição do corpo ao tempo, com o objetivo de produzir o máximo de rapidez e o máximo de eficácia; c) Vigilância: é um de seus principais instrumentos de controle; o olhar que observa para controlar; e d) Registro contínuo de conhecimento: anota e transfere informações, - a partir de observações sobre os indivíduos em suas atitudes, ações, falas, etc, - para os pontos mais altos da hierarquia do poder. Nenhum detalhe, acontecimento ou elemento disciplinar escapa a esse saber.

Consideramos, entretanto, que o modo de observar, interpretar, dizer e ouvir o dito “mundo esportivo” pode ir além da vigilância e gerar novos saberes no colonismo. Por isso, partimos para a análise de fragmentos de duas colunas publicadas no jornal Folha de São Paulo, uma escrita por Juca Kfoury – em 22 de outubro de 2015 – e uma redigida por Tostão – em 1º de julho de 2015. Os novos saberes levados em conta na nossa proposta são aqueles que vão além das questões do jogo em si, focado apenas nos aspectos técnicos, táticos e físicos. Na nossa ótica, isso determina uma construção enunciativa analítica diferenciada por parte dos dois colonistas.

4 Novos saberes da coluna esportiva: Juca e Tostão

Começamos a análise por fragmentos da coluna escrita por Juca Kfoury, intitulada “Futebol, o câncer e a sombra” e que foi publicada no jornal Folha de São Paulo, edição do dia 22 de outubro de 2015.



Fragmento 1 – “O futebol não será o tema da coluna de hoje. Embora seja, porque aqui se faz referência ao escritor uruguaio Eduardo Galeano, morto no último mês de abril, autor do portentoso "Futebol ao Sol e à Sombra", uma ode a craques como Pelé, Alfredo Di Stéfano, Diego Maradona, Zizinho, Didi, Garrincha, Obdulio Varela, Yachin, Leônidas da Silva, Platini, Domingos da Guia, Friedenreich e tantos outros, assim como uma crítica implacável, e romântica, aos desvios da bola.”

No fragmento 1 da coluna, Juca destaca que a coluna não vai falar sobre futebol, mas volta logo atrás, pois cita o escritor uruguaio Eduardo Galeano, que morreu em abril de 2015, e um de seus livros – “Futebol ao Sol e à Sombra” -, onde alguns craques do futebol mundial foram lembrados. A literatura esportiva, por meio de um autor sul-americano, é reverenciada no tópico escrito pelo colunista.

Fragmento 2 – “É dele este trecho: "A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar. Neste mundo, o futebol profissional condena o que é inútil, e é inútil o que não é rentável. Ninguém ganha nada com essa loucura que faz com que o homem seja menino por um momento.”

Um trecho escrito por Galeano no livro “Futebol ao Sol e à Sombra” é trazido para a coluna por Juca no fragmento 2. O uruguaio critica o futebol contemporâneo, onde a beleza e alegria perderam espaço para o jogo bruto e de resultados econômicos. Juca se apossa do dizer de Galeano para também criticar o futebol atual.

Fragmento 3 – “Por sorte ainda aparece nos campos, embora muito de vez em quando, algum atrevido que sai do roteiro e comete o disparate de driblar o time adversário inteirinho, além do juiz e do público das arquibancadas, pelo puro prazer do corpo que se lança na proibida aventura da liberdade". Mas é da filha dele, Verônica, que esta coluna trata. Ela recebeu em nome do pai, anteontem, no Tuca, um dos troféus "in memoriam" na solenidade de entrega do 37º Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Verônica subiu firme ao palco.”



Juca, no fragmento 3, saúda os jogadores que ainda fazem do drible a sua arte no futebol e atuam com liberdade. Logo na sequência, o colunista explica que a coluna vai tratar da filha de Galeano, Verônica, que representou o pai morto na entrega da 37ª edição do Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Destaca, ainda, que Verônica foi ao palco com firmeza.

Fragmento 4 – “Uma mulher bonita, simpática, cativante, que ao falar do pai lembrou que ele havia morrido de câncer no pulmão e pediu aos tantos jornalistas que não omitissem o nome da doença, que não a condenassem à sombra, porque tabus são formas de censura. E anunciou que veríamos um filmete, com texto do filho dela, em homenagem ao avô. O neto lamenta a perda, deplora que o tabaco o tenha privado de conviver mais tempo com o avô, lamenta que todos tenhamos perdido novos livros de Galeano, fumante inveterado. Mas não para por aí. De repente não é mais o neto quem fala, mas o filho.”

O colunista enaltece as características físicas e comportamentais de Verônica no fragmento 4. Juca comenta que a filha se recordou da causa da morte do pai – câncer no pulmão – e não pediu que os jornalistas omitissem tal razão nem a censurassem. Também cita a exibição de um filmete, com texto e fala do filho de Verônica e neto de Galeano, onde o rapaz lamentou que o tabaco tenha causado a morte do avô e impedido o lançamento de novos livros do escritor uruguaio. Mas o que chamou a atenção de Juca foi o que o neto de Galeano falou, posteriormente, como filho de Verônica.

Fragmento 5 – “O filho que conta à plateia que também sua mãe está com câncer, no quarto estágio da doença, com apenas mais três meses de vida, segundo prevê o oncologista. "Não tenho filhos", diz ele. "Se os tiver, proibirei que fumem, como farei com minha sobrinha de três anos, simples assim. Eu, prestes a completar 30, provavelmente não terei minha mãe mais comigo no dia de meu aniversário". Deu até pena do apresentador da cerimônia que, como o público, pareceu grogue, atingido por um soco no estômago, sem palavras. Verônica ainda olhou para ele e pediu desculpas, sob aplausos dos presentes, em coletiva comoção. Jamais havia visto algo parecido, tão forte, tão duro e, ao mesmo tempo, tão terno, tão suave. Inaceitável a ideia de que ela não poderá estar na festa do 38º Prêmio



Vladimir Herzog ou na do 30º aniversário de seu filho. Em tempo: um dos patrocinadores do prêmio é a Souza Cruz. Em nenhum momento passou pela cabeça dos organizadores da festa, do Instituto Vladimir Herzog, sequer sugerir à Verônica que não apresentasse o filme. Fumar faz mal. Ter coragem é essencial.”

No fragmento 5, Juca relata que o filho anunciou ao público que a mãe, Verônica, estava no quarto estágio do câncer e tinha só mais três meses de vida, segundo o médico. O colunista fez uma citação literal de uma fala do filho de Verônica, onde o rapaz disse ainda não ter filhos e afirmou que ia proibir, caso os tenha, de fumar, assim como faria com a sobrinha de três anos. Prestes a completar 30 anos, o filho disse lamentar a possibilidade de não ter a mãe no aniversário por causa do câncer. Juca afirmou que a mãe, Verônica, ainda olhou para o filho e pediu desculpas. O colunista admitiu nunca ter presenciado algo semelhante e que a cena deixou os presentes ao ato comovidos, tanto pela dureza como pela suavidade. Juca lembrou que um dos patrocinadores do prêmio era a Souza Cruz, empresa de cigarro. Ele reconheceu que o cigarro faz mal à saúde e é preciso ter coragem para assumir que o vício pode causar a morte, bem como para deixar de fumar.

A nossa análise passa, agora, a tratar de fragmentos da coluna **“Doente do corpo e da alma”**, redigida por Tostão e publicada na edição do dia 1º de julho de 2015 da Folha de São Paulo.

Fragmento 1 - “Muitos acham que o futebol brasileiro ainda não chegou ao fundo do poço e que o próximo fracasso será não participar da Copa de 2018. Outro caminho, que agrada a muitos, é a diminuição da importância da seleção. Após os 7 a 1, quando se esperava uma comoção nacional, como na Copa de 1950, a maioria levou na gozação, como se dissesse: “Existem coisas mais importantes no país”. Foi uma demonstração da evolução da sociedade? São múltiplas as razões para a queda de nosso futebol e, isoladamente e em pouco tempo, nenhum treinador, dirigente, mágico nem Neymar vai resolver o problema. Muito menos o grupo de notáveis que pediu Galvão Bueno, com a participação de seus amigos.”

No primeiro fragmento, Tostão atribui a terceiros que acham que o futebol brasileiro ainda não afundou de vez e o próximo passo do fracasso seria não disputar o



Mundial de 2018, na Rússia. Na mesma linha, diz que o objetivo de tal ideia é diminuir a importância da seleção brasileira, até mesmo após a derrota de 7 a 1 para a Alemanha, nas semifinais da Copa de 2014, bem diferente do ocorrido na Copa de 1950, ambas disputadas no País, revelando que o Brasil tem preocupações mais importantes que futebol. Na sequência do tópico, lança um questionamento ao leitor e dá a resposta, dizendo que as razões para a queda do futebol nacional são várias e ninguém – treinador, dirigente, mágico e o jogador Neymar -, vai resolvê-las em um curto espaço de tempo, nem um grupo de notável, solicitação feita pelo jornalista Galvão Bueno, da Rede Globo, com a presença de seus amigos.

Fragmento 2 - “O futebol brasileiro está doente, há muito tempo, do corpo e da alma. Para tratá-lo, é necessário um grupo de profissionais especializados, independentes e competentes, dentro e fora de campo, e que tenham tempo. Não é coisa para curiosos, oportunistas nem ex-atletas que não se prepararam tecnicamente. A primeira meta deveria ser trazer o doente à realidade e acabar com as mentiras, como a de que o Brasil produz craques a cada esquina, além de reconhecer a evolução dos adversários. A primeira divisão do futebol está nos grandes times da Europa (Barça, Real, Bayern e outros). O futebol que se joga no Brasil é, com boa vontade, da segunda divisão.”

O colunista destaca, no segundo fragmento, que “o futebol brasileiro está doente...do corpo e da alma”. O tratamento, na ótica de Tostão, precisa de “um grupo de profissionais especializados”, com independência e competência, dentro e fora das quatro linhas e com tempo disponível. Para o colunista, o tratamento deve evitar a presença de “curiosos, oportunistas e ex-atletas” sem preparo. Tostão observa que o “doente” Brasil precisa voltar à realidade e acabar com as mentiras, como que tem um celeiro de craques a cada esquina, além de admitir a evolução das seleções adversárias. De acordo com o colunista, o futebol da primeira divisão é jogado por “grandes times da Europa” e, “com boa vontade”, o futebol jogado no Brasil é da segunda divisão.

Fragmento 3 - “Nosso futebol está doente também da alma e precisa de ajuda psicológica. O prestígio e a marca do futebol brasileiro ainda são valiosos, acima da qualidade técnica e emocional dos atuais atletas. Diante de tanta pressão,



expectativa e responsabilidade, eles jogam menos do que sabem. Neymar, contra a Colômbia, teve uma crise histórica de chiquetes. Thiago Silva, que estava entre os melhores zagueiros do mundo, deixou de estar, por dois erros graves, idênticos, seguidos e inexplicáveis. Já criticar os jogadores, que seriam indiferentes à seleção, é injusto e não tem nada a ver. Desequilíbrios emocionais sempre existiram. Até hoje, ninguém sabe, nem Ronaldo, se ele, na final da Copa de 1998, teve uma convulsão ou uma síndrome de conversão psicomotora (piti). Isso mostra a fragilidade humana, mesmo nos craques.”

No terceiro fragmento, Tostão alega que o futebol brasileiro está também “doente da alma” e necessita de apoio psicológico. Ele reconhece que o futebol do Brasil mantém valiosos o “prestígio e a marca”, muito além da qualidade técnica e emocional dos atuais jogadores. Atribui à “pressão, expectativa e responsabilidade”, o fraco desempenho e cita a histeria de Neymar e os erros de Thiago Silva, contra a Colômbia, na Copa América de 2015, como exemplos. Tostão considera injusta a crítica aos jogadores por indiferença à seleção e observa que “desequilíbrios emocionais sempre existiram”. O colunista lembra do caso de Ronaldo, na decisão da Copa de 98, na França, e da fragilidade humana, que também atinge os jogadores. Até hoje, não há uma definição sobre o problema que o atacante brasileiro teve horas antes da partida contra a França.

5 Algumas inferências

O artigo buscou identificar que outros saberes uma coluna esportiva pode recorrer para falar sobre futebol, indo na contramão da vigilância. Examinamos fragmentos de duas colunas publicadas em 2015 no jornal Folha de São Paulo, uma redigida por Juca Kfoury e outra por Tostão.

Na coluna **“Futebol, o câncer e a sombra”**, Juca priorizou a literatura do jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano, que gostava de futebol e escreveu, entre dezenas de livros, **“Futebol ao Sol e à Sombra”**. No texto publicado, o colunista contou uma história envolvendo a família do sul-americano durante a entrega do 37º



Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Se o bom jornalista é um contador de histórias, o texto de Juca revelou isso. O drama da filha de Galeano, Verônica, foi escrito de forma clara e objetiva. O câncer que motivou a morte de Galeano – um fumante inveterado – estava prestes a levar a óbito a filha do escritor, mãe de um rapaz de 29 anos, que também foi citado na coluna, em virtude de exibir um filmete sobre o avô e anunciar o problema de saúde da mãe ao público durante a premiação. Futebol, literatura e saúde, os dois últimos vistos por nós como outros saberes na coluna esportiva, estiveram em contato nas linhas escritas por Juca. Se bem que a crítica ao vício do cigarro pode ser vista como um ponto de vigilância, numa sociedade em que o tabaco rende recursos financeiros às empresas e impostos ao governo.

Tostão, por sua vez, na coluna **“Doente do corpo e da alma”**, trouxe para o texto a necessidade de o futebol brasileiro rever seus métodos de trabalho e contar com profissionais especializados e independentes, com ênfase na atividade científica, desde a área técnica e física até a medicina e a psicologia esportivas. De acordo com Tostão, o futebol brasileiro não pode contar com amadores, oportunistas e despreparados no cotidiano.

O colunista valoriza a marca e o prestígio do futebol nacional, mas admite que isso é pouco diante da força e da qualidade dos clubes europeus. A realidade brasileira deve passar, conforme Tostão, por reconhecer a evolução do futebol de outras seleções e que o Brasil não revela mais tantos craques como antigamente. No entanto, ao defender o trabalho científico no futebol do Brasil, o ex-jogador, médico e ex-professor Tostão, hoje na função de colunista esportiva, engendra uma vigilância àqueles que estão inseridos na rotina pelos gabinetes e campos do país.

Os sinais de vigilância encontrados nas duas colunas analisadas não desqualificam a proposta do artigo, até porque a ênfase está nos outros saberes que Juca Kfoury e Tostão trazem para dentro dos textos e oferecem aos leitores da Folha de São Paulo, mostrando que o colunismo esportivo pode ter uma construção enunciativa analítica diferenciada – um modo de dizer e de produzir sentido além do que ocorre no jogo em si.



Referências

BENTHAM, Jeremy... [et al.]. **O Panóptico**. Organização de Tomaz Tadeu; traduções de Guacira Lopes Louro, M. D. Magno, Tomaz Tadeu. -- 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

FAUSTO NETO, Antonio. **Fragments de uma analítica da midiatização**. In: Matrizes, n. 2, abril 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11^a ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.

MOULLAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido**. Sérgio Dayrell Porto (org). 3. ed. rev. ampl. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.

RABAÇA, C. A. e BARBOSA, G. G. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VERÓN, Eliseo. **A produção do sentido**. Ed. da Universidade de São Paulo. São Paulo: Cultrix, 1980.

Documentos eletrônicos on-line

CAMPOS, Pedro Celso. **Gênero opinativo**. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da010520026.htm>. Acesso em 11 de jan de 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. Tostão. **Doente do corpo e da alma**. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/tostao/2015/07/1650026-doente-do-corpo-e-da-alma.shtml>. Acesso em 25 de out 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. Juca Kfourí. **Futebol, o câncer e a sombra**. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfourí/2015/10/1696916-futebol-o-cancer-e-a-sombra.shtml>. Acesso em 25 de out 2015.



Centro Internacional de Semiótica e Comunicação – CISECO

IV COLÓQUIO SEMIÓTICA DAS MÍDIAS • ISSN 2317-9147

Praia Hotel Albacora • Japaratinga – Alagoas • 4 de novembro de 2015

NOVO MANUAL DE REDAÇÃO DA FOLHA DE SÃO PAULO 1996.
Coluna e coluna lateral. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_redacao.htm.
Acesso em 9 de jan de 2016.